
“*The entire history of you*”: Black Mirror e as relações de memória mediadas pelo smartphone¹

Alex Sandro dos Santos Vieira²

Davi Moreira Lima³

Jussara de Lima Silva⁴

Alessandro W. G. R. Fernandes⁵

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

Resumo

Este artigo tem por objetivo estudar de que forma a cibercultura alterou a relação dos indivíduos com suas memórias. Para tal, tomamos como objeto o episódio *The entire history of you*, da série britânica *Black Mirror*, no qual traçamos um paralelo entre a utilização, no episódio, do dispositivo chamado de memória granular e a relação estabelecida entre as pessoas e seus smartphones, analisando essa relação sob a ótica da cibercultura e memória dos autores Pierre Levy e André Lemos e o corpo ciborgue de Donna Haraway e Lúcia Santaella.

Palavras-chave: Cibercultura; Memória; Corpo Ciborgue; Smartphone.

1. Introdução

Black Mirror é uma série britânica, atualmente transmitida pelo serviço de streaming Netflix, que usa a temática da tecnologia para tratar das relações humanas cada vez mais mediadas por dispositivos eletrônicos. No episódio que analisamos a seguir, intitulado “The entire history of you”, uma tecnologia permite que as pessoas tenham acesso instantâneo às suas memórias, que são gravadas por um dispositivo – chamado de “memória granular” – instalado atrás da orelha. Essa tecnologia é anunciada no episódio como um meio de reviver momentos importantes da vida, mas ao longo do episódio ele se torna motivo de tormento para um dos personagens.

Ao apresentar a tecnologia no seriado, fica evidente a existência de uma relação de necessidade entre o dispositivo e o indivíduo que vai além da facilidade que este pretende oferecer. Em determinado momento, uma personagem causa tensão ao

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante do 5º Semestre do curso de Jornalismo - UFCA. E-mail: alecsvieirajorn@gmail.com

³ Estudante do 5º Semestre do curso de Jornalismo - UFCA. E-mail: davimoreira11232@hotmail.com

⁴ Estudante do 5º Semestre do curso de Jornalismo - UFCA. E-mail: jussara_.lima@hotmail.com

⁵ Orientador. Professor da disciplina Jornalismo Digital I (2016.1) do curso de Jornalismo – UFCA. E-mail: alessandroen@gmail.com

revelar ter se recusado a repor o aparelho depois que o seu fora roubado. A discussão que se segue foca na importância da manutenção das memórias de forma racional e segura como só um computador poderia fazer. O que é defendido por outra personagem na trama – a criadora do dispositivo – é a influência das nossas emoções no processamento dessas memórias.

A facilidade de armazenamento dessas memórias em um dispositivo que também garante um fácil acesso a elas e a constância de informações que é própria do ambiente virtual sinalizam um cenário onde tudo é armazenado sob a justificativa de ser útil em algum momento. O que torna o indivíduo, de certa forma, dependente de suas lembranças.

Ao final do episódio, o personagem principal, cansado de suas memórias, se livra do dispositivo, sinalizando uma retomada do controle sobre seus pensamentos, que de maneira geral os atormentava. Partindo desse ponto, o objetivo desse artigo é analisar, amparado nos estudos sobre a cibercultura, como essa relação entre indivíduo e memória se dão no ambiente virtual, com foco na atuação dos smartphones. Entendemos o dispositivo apresentado no episódio em questão como uma metáfora para o uso de gadgets como extensão do corpo\mente (Lévy, 1999a).

2. Virtualização dos registros: memória granular

A memória, sob uma perspectiva evolutiva, foi definida por [Georges Chapoutier. *Viver Mente & Cérebro: Memória*. 2006] em dois sentidos. No sentido estrito, “memória é a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar, no sistema nervoso, dados ou informações sobre o meio que os cerca, para assim modificar o próprio comportamento.” Em uma concepção mais ampla, o autor afirma que a memória é, também, [...] “todo traço deixado no mundo ou nos componentes deste por um determinado evento”. (MONTEIRO; CARELLI, 2008. p. 1).

Segundo Oliveira (2010), a partir do momento em que a humanidade criou um sistema de escrita, iniciou-se uma evolução nos processos de transmissão dos costumes e tradições dos povos. A história, que antes era transmitida via oral, passava a ser documentada, imortalizada. A escrita permitiu o registro da história. A prensa de Gutemberg permitiu a distribuição desse conhecimento ao povo. O surgimento da internet e as inúmeras possibilidades do ciberespaço expandiram a capacidade do ser humano de armazenar suas memórias em dispositivos cada vez menores e mais portáteis (Levy, 1999a).

Esse novo cenário modificou também a relação das pessoas com a memória. “Hoje em dia, cada vez mais as pessoas percebem a importância de terem suas próprias histórias como tema e como essa construção de vínculos é importante para a própria autoestima.” (OLIVEIRA, 2010, p.2).

A medida em que a internet evoluía como plataforma social, surgiam novas formas de armazenar memórias, tanto pessoais, como nas redes sociais, quanto memórias que dizem respeito à sociedade, presente nos mais diversos sites que funcionam como enciclopédias e museus virtuais, num cenário em que o próprio indivíduo é tema, curador e público desse amontoado digital destinado a preservar a história.

No entanto, o ato de acumular esse material não garante por si só que o conhecimento ou as representações dessa memória sobrevivam ao passar do tempo. Para Levy (1999), por mais que uma memória tecnológica entenda por completo o funcionamento da memória biológica, ela só funciona como um elemento suplementar.

Outro aspecto a ser levado em conta, [...] é que a memória do indivíduo é de grande valia por não possuir as características da memória da mídia, que não é capaz de utilizar a memória para acessar a experiências vividas - a máquina registra algo que, a cada acesso realizado, será o mesmo. Já a memória do indivíduo trará referências diferenciadas a cada busca por conta das vivências de sua história. [...] Assim, não se pode confiar na memória das máquinas para a manutenção de culturas e conhecimentos. O que se pode é fazer o uso delas para a disseminação deles (MOURA, Diocsianne. 2013. p.8).

Levy (1999a) compreende que o cérebro humano possui dois modos de processamento de memória: um de curto prazo, mobilizada pela atenção, onde as memórias existem apenas temporariamente, e geralmente não têm muita importância. O outro modo, a memória de longo prazo, armazena informações que julgamos importantes ou que marcam a vida de alguma forma.

De maneira geral, podemos dizer que o agente responsável pela seleção de quais memórias que acumulamos serão lembradas ou esquecidas tem um caráter totalmente emocional. No episódio, a personagem que desenvolve a tecnologia da memória granular afirma que esse caráter emocional é algo que precisa ser evitado por não ser confiável. Esse seria então o grande trunfo do dispositivo: permitir uma triagem racional das nossas memórias, uma vez que o que é armazenado é uma representação fidedigna da realidade, sem a interferência da nossa reação ao acontecimento.

Dado esse caráter absoluto que a memória passa a ter a partir do momento em que é registrada e armazenada na rede, o indivíduo passa a ficar cada vez mais obcecado com a possibilidade de reter e armazenar o que acontece ao seu redor. Entretanto, “O registro da memória como arquivo é uma tentativa de dar alguma materialidade à abstrata passagem do tempo, de lutar contra a tragédia do esquecimento, mas certamente não dá conta e não abrange completamente tudo o que a memória pode significar” (ALBUQUERQUE; FONSECA, 2016, p. 4).

No contexto do episódio, o protagonista desde o início demonstra ser um exemplo dessa obsessão pela memória armazenada, sendo ela, inclusive o principal fator de movimentação da trama. Várias são as cenas em que ele é visto revisitando cenas do seu passado, analisando profundamente cada detalhe.

Voltando às tecnologias atuais de arquivamento da memória, Mayer-Schönberger (2009) é um autor que fala da necessidade de revitalizarmos justamente o esquecimento na era das memórias digitais, atentando à obsessão atual pelo acúmulo de informações pessoais nos computadores. Para o autor, durante milênios houve um certo equilíbrio entre lembrar e esquecer, sendo que o que predominava antigamente era o esquecimento. Já que lembrar era difícil e custoso, tínhamos que escolher cuidadosamente o que queríamos lembrar. Na era digital esse equilíbrio é invertido: converter informações para a memória digital torna-se o padrão, e esquecer torna-se a exceção. A digitalização torna possível armazenar memórias com um custo muito baixo, além de possibilitar uma recuperação fácil da informação e o acesso global às memórias. (ALBUQUERQUE; FONSECA, 2016. p. 5)

No contexto das tecnologias atuais de arquivamento da memória, Albuquerque se apropria do pensamento de Mayer-Schönberger sobre a importância do esquecimento nesse cenário de obsessão. Ela afirma que “Pela primeira vez na história, lembrar tornou-se mais fácil e mais barato do que esquecer.” (p.5). Traçando um paralelo entre a ficção e a realidade, percebemos esse contexto de extrema facilidade de retenção de memórias, sobretudo possibilitado pelos smartphones, objetos tecnológicos cada vez mais multifuncionais e presentes na vida das pessoas.

3. O ciborgue e o corpo pós-humano

O termo ciborg (cib – cibernético, org – orgânico) foi utilizado pela primeira vez por Manfred Clynes e Nathan Kline, na década de 1960, no contexto da pesquisa aeroespacial “para designar os sistemas ou entidades autorreguladas formadas com o

acoplamento de homem e máquina.” (RÜDIGER, 2011, p. 117). À época, os pesquisadores propuseram alterações no corpo humano a fim de produzir um “super-homem”, capaz de resistir à hostilidade de ambientes extraterrestres (SANTAELLA, 2003). Mas é a bióloga e pesquisadora feminista Donna Haraway (2009) quem inseriu o conceito de ciborgue no campo de discussões das ciências humanas.

Haraway, em seu Manifesto Ciborgue, escrito em 1984, traz o conceito para o contexto da luta feminista. De acordo com Santaella o período conturbado e recheado de dúvidas, que compreendia a transição do modernismo para o pós-modernismo e as novas concepções do que significa ser humano (pós-humanismo) trariam uma vantagem para a luta feminista, que deveria se aproveitar dessa brecha para desestabilizar o poder patriarcal e romper com a dialética dicotômica ocidental (SANTAELLA, 2003).

Haraway abre sua argumentação afirmando que

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2009, p. 36).

Segundo a autora, somos todos ciborgues. Somos todos um misto de carne e máquina. Haraway (2009) diz que, pelo simples fato de estarmos inseridos nesse contexto de pós-modernidade, carregamos essa condição de hibridização com os objetos maquínicos. O conceito de corpo ciborgue rompe com a tradicional dicotomia adotada pelo pensamento modernista ocidental: natural x artificial, bem x mal, carne x tecnologia. Ao ser um misto dos dois extremos o ciborgue inaugura uma condição inédita, pós-biológica, pós-humana. Para ela a prótese é a parte ciber do corpo (SANTAELLA, 2003).

Para Santaella (2003, p. 201), o que ela chama de Corpo Protético como sendo o corpo “híbrido, corrigido e expandido através de próteses, construções artificiais como substituto ou amplificação de funções orgânicas” é o corpo ciborgue. Modificado, ampliado, expandido para cumprir funções que seu corpo orgânico não consegue, ou não faz com perfeição. Nesse sentido, entendemos o smartphone como uma prótese que visa expandir não só as possibilidades de comunicação, mas também da memória humana.

No episódio analisado, o dispositivo de memória granular assume essa característica protética proposta por Santaella (2003). Sendo então parte constituinte do corpo e expandindo as capacidades mnésicas dos indivíduos, este transforma o modo como se dá a relação daqueles com as memórias, que passam a ser registros virtuais, com possibilidade de compartilhamento, seleção racional ou mesmo renúncia, como será visto a seguir. Assim como o dispositivo da ficção, o smartphone é esse depósito de registros binários que ganham valor de memória. Esta, ao existir fora do corpo orgânico adquire as características listadas acima.

4. “Toda a sua história”: dispositivos tecnológicos e memória virtual

Max Weber define a modernidade como processo de racionalização da vida social no término do século XVII (LEMOS, 2008). Logo após a revolução industrial, é recorrente a associação entre modernidade e as tecnologias da informação e comunicação, para a manutenção e construção da sociedade. Em termos filosóficos, Nietzsche é o primeiro a produzir uma crítica significativa da razão moderna ao passado arcaico-dionisíaco da força vital e do êxtase. (LEMOS, 2008). Com isso a sociedade torna-se consumidora de aparelhos tecnológicos que vão além da necessidade técnica de auxílio, mas sim de uma necessidade de reconhecimento e afirmação diante de plataformas que as fazem superexpostas.

Por tanto, concordamos com [LÉVY, 1999b], quando afirma que, há um dilúvio de informação no atual momento, em que o uso intensivo que a sociedade contemporânea faz das novas tecnologias de informação e comunicação, influenciará na preservação da memória, sobre tudo no ciberespaço. (LOPES, 2010, p. 4)

O conceito de pós-modernidade surge em meados do século XX com a incipiente sociedade de consumo e dos mass media, conjunto de meios de comunicação de massa e com a decadência de grandes ideias centrais e ideologias modernas. Vários campos da vida cotidiana, da comunicação e do conhecimento sofreram uma mudança radical. Foi no domínio da crítica literária que o termo pós-moderno desponta pela primeira vez em uma antologia de poesia espanhola e hispano-americana de Federico de Osnis, em 1934. E em 1959, Irwing Howe publica o artigo Sociedade de Massa e a Ficção Pós-Moderna. (LEMOS, 2008).

A pós-modernidade expressa-se como sentimento de mudança social e cultural, em decorrência do pós-industrialismo, uma nova ordem econômica que inicia-se um período de transição na sociedade a partir dos anos 1940.

Para o sociólogo americano Daniell Bell, a pós-modernidade corresponde, exatamente, à fase pós-industrial da sociedade de consumo, onde a produção de bens e serviços (ligados a grandes consumos de energia) é modificado de acordo com as novas tecnologias (digitais) da informação. (LEMOS, 2008, p. 63-64).

Considerando a temática sobre as relações de memória na cibercultura, sabe-se que o sentido original de memória seria a capacidade humana de reter no cérebro as impressões das experiências vividas (LOPES, 2010).

Sabemos que as ferramentas tecnológicas servem para a reorganização das informações acumuladas na memória, elas seguem um modelo pessoal que possibilita a identificação de personalidade individual, como nos smartphones, funcionam os gadgets, programas de aparelhos eletrônicos com a funcionalidade de desenvolver tarefas específicas como abrir arquivos e imagens digitais, acessar a internet, agendar horários e datas, ouvir músicas, ler mensagens, etc. (GARCIA; MALHADO, 2016). Esses dispositivos abrem mais possibilidades de troca e armazenamento de informações sobre seus usuários facilitando a transação dos serviços, tornando-se também uma extensão de nossa memória fora do corpo. Sendo assim, as cenas analisadas seguirão com as associações dos conceitos de cibercultura.



Fonte: Black Mirror - Netflix

Na primeira cena analisada, no minuto 02:30, o personagem principal assiste uma propaganda da memória granular, que é o dispositivo implantado com anestesia

local atrás do ouvido, e permite aos usuários armazenar suas lembranças no dispositivo e revivê-las.

É oferecido na propaganda, atualização e backup por alguns anos no aparelho. “Pereira [2008] alerta sobre como cada tecnologia pode oferecer novas alternativas para organizar e rearranjar as informações, gerar mensagens, transmiti-las e memorizá-las.” (GARCIA; MALHADO, 2016, p. 6). André Lemos em sua obra *Cibercultura*, faz essa associação entre tecnologia e o corpo,

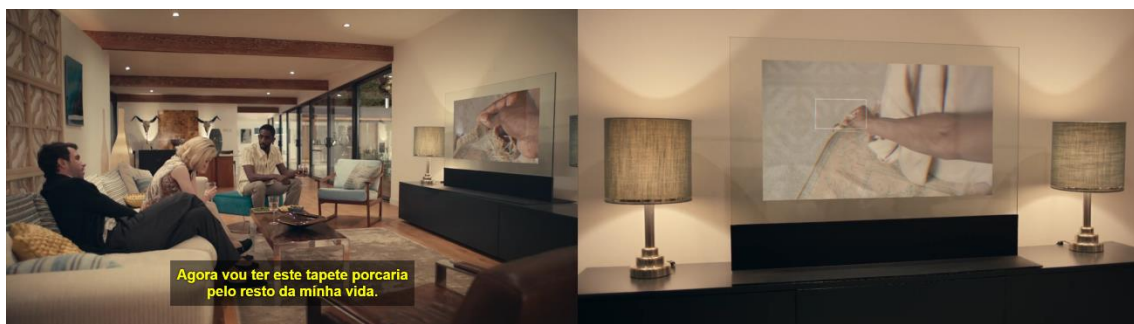
A profusão de equipamentos baseados no princípio da informação, da comunicação e da miniaturização, nos revela, em todos os momentos da vida cotidiana, a tecnologia onipresente, chegando a colonizar nossos corpos. É a relação íntima entre o orgânico e o eletrônico que pretendemos analisar aqui, já que ela nos coloca em meio a uma sociedade cyborg onde o humano e o tecnológico se constroem mutuamente. (LEMOS, 2008, p. 164)

A questão da artificialidade presente na cena, nos mostra a naturalidade com que há a hibridização do tecnológico e do biológico, quando o personagem torna-se um só com o aparelho eletrônico implantado em seu corpo, que organiza suas memórias para serem compartilhadas a qualquer instante e é comandado por um dispositivo semelhante ao smartphone.

É o que Garcia e Malhado (2016) enfocam em um fator relevante para a reflexão sobre a mobilidade que esses aparelhos estabelecem por suas características físicas, pode ser carregado para quase todos os lugares que a pessoa pode ir, pode ser transportado e comparado a um andarilho, transeunte, ou seja, um objeto em transito, como um ser vivente que passageiro.

Como mostra André Lemos citando Arthur Kroker:

O corpo entra em sua fase pós-moderna como um corpo virtual das tecnologias digitais, metade carne, metade ciberespaço. "Nervos de chip, visão espectral, com personalidades flutuantes que preenchem o ciberespaço com o terceiro (tecnológico) estágio da evolução humana". (LEMOS, 2008, p. 167)



Fonte: Black Mirror – Netflix

A cena do minuto 04:35, nos apresenta um dos personagens em um processo de compartilhamento de suas memórias com os demais, através do aparelho da memória granular, que possibilita as imagens da memória do indivíduo serem discutidas e compartilhadas em um aparelho de televisão. A cena pode evidenciar que a extensão do corpo e a virtualização da ação do compartilhar. Como é definido aos aparelhos eletrônicos, é mecânica. O que antes se restringia ao biológico no pensar orgânico, ampliou-se as possibilidades de armazenar e partilhar suas memórias. A contrariedade existente entre o personagem compartilhar suas memórias parece não corresponder ao conceito de memória como abstrato e subjetivo, com a capacidade de reter pensamentos, impressões e conhecimentos, algo distante do mundo tangível. Como afirma Godoy (2002),

Adotando esse princípio, a memória não é um reservatório de dados prontos a serem consumidos, realizados. Essa seria a lógica do possível e também de um dos dispositivos tecnológicos do computador: a memória da máquina, que permite conservar informações codificadas sob a forma de elementos binários para uso posterior. Basta acessá-la para virem à tona todas as informações tais como armazenadas. (p. 6)

Sendo a memória um complexo enigmático capaz de constituir recordações por estímulos internos ou externos, ocasionando respostas para os conflitos, faz-se necessário a atualização e interpretação em casos diferentes, o que a torna virtual pela capacidade de se atualizar sempre que a lembrança de um fato ocasionar em sua solução.

Esse arquivamento de memórias é uma tentativa de transformar em algo material a abstração da passagem do tempo e lutar contra o esquecimento. Trata-se então de um mecanismo para lidar com a dubiedade da fragilidade da memória orgânica que é “Falha e imprevisível, suscetível a rememorações involuntárias e intempestivas – versus a factualidade da memória digital – precisa e exata, que tem acesso ao passado. ”. É uma busca pela verdade, uma obsessão em compartilhar suas memórias e provar factualmente com imagens reais o que de fato aconteceu com o indivíduo, gerando uma dependência virtual de memórias armazenadas. (ALBUQUERQUE; FONSECA, 2016, p. 11).



Fonte: Black Mirror - Netflix

Na cena do minuto 12:20 há uma tensão quando uma das personagens revela não ter mais a memória granular implantada, e que todas suas memórias foram roubadas por não estarem codificadas. Ela revela também que não repôs o aparelho, pois acabou gostando. Uma das personagens presente na cena, que inclusive desenvolve a memória granular, não fica satisfeita com a escolha da personagem em não ter a memória granular.

Garcia e Malhado (2016, p. 6) relatam a definição do pensamento Freudiano sobre a memória como lembranças imperfeitas e fragmentadas, capazes de afetar as percepções das coisas. Assim como a citação de Alan Proust e a revelação da memória, “como um conjunto de imagens/sentimentos [...] que a partir da emoção causada [...] conduzam a uma resignificação da própria vida”.

Ainda que as memórias sejam humanas, elas são mediadas por aparatos tecnológicos que a mantém armazenada em uma memória que possa ser compartilhada e por assim dizer segura em termos de alterações sejam biológicas, como doenças mentais ou propositais como ser modificadas, a memória granular (virtual), é a prova concreta que um fato de fato aconteceu, e o indivíduo usuário dessa tecnologia, pode compartilhar dessas memórias.

Diferentemente do pensamento racional, prático e crítico de Nietzsche à modernidade, que identificará na tradição filosófica um processo de falsificação da realidade, e da própria ideia de valor nas tradições modernas, pois o conhecimento científico implica a existência de identidade, é o que se encontra em seu livro Genealogia da Moral (1887). “Nesse sentido, [Pierre Lévy] considera as tecnologias da informação e comunicação como extensões da nossa memória, porque são técnicas de auxílio à imaginação, ao raciocínio e à comunicação. Com efeito, elas são memórias artificiais.” (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006, p. 2).



Fonte: Black Mirror - Netflix

Na terceira cena a ser analisada, no momento 45:00 do episódio, Liam Foxwell (interpretado por Toby Kebbell) vaga pela casa vazia, após confrontar sua ex-esposa Ffion Foxwell (Jodie Whittaker) sobre a traição e ela deixar a residência do casal, repassando memórias vividas com ela na casa. A atitude de Liam demonstra um apego às imagens virtuais daquilo que viveu.

Sobre o que é virtual, Lévy (1999b, p. 147) diz que “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa um lugar ou tempo em particular”. No caso em questão, as “memórias” do personagem são virtuais pois, não estando gravadas num receptáculo orgânico (cérebro) podem vir a ser transferidas, revistas, inclusive roubadas, a qualquer momento, por qualquer pessoa que possa ter acesso ao equipamento de memória granular. Essa característica virtual ganha corpo no nosso dia-a-dia quando depositamos nossa memória nos gadgets.

Quando fazemos isso transformamos esses dispositivos em parte integrante do nosso ser. Tornamo-nos híbridos entre homem e máquina, tanto no sentido concreto, quanto identitário. Oliveira (2010) fala dessa relação íntima entre subjetividade e tecnologia, ao citar Pierre Levy

Esta influencia aquela de forma determinante, na medida em que fornece referenciais que modelam nossa forma de representar e interagir com o mundo. [...] O que se compreende é que as noções de tempo e espaço das sociedades humanas são afetadas pelas diferentes formas através das quais este registro é realizado. (OLIVEIRA, 2010, p. 7)

Somos, portanto, diretamente influenciados pelas tecnologias que nos cercam. Estas, por sua vez, são por nós produzidas e fatores condicionantes do processo de transformação social (LÉVY, 1999b, p. 25), construindo subjetividades e memória social (OLIVEIRA, 2010, p. 3).

Considerações

Rüdiger (2011) define a cibercultura como movimento histórico de conexão entre os seres sociais e suas tecnologias, que não só transformam o mundo como transformam o próprio sujeito. Atualmente essas conexões são mediadas principalmente por aparelhos eletrônicos de comunicação em rede, verdadeiros computadores de mão – os smartphones. Estes funcionam como extensão do corpo humano, fazendo parte dele e o completando.

Entendendo a memória também como todo registro deixado no mundo da existência de um indivíduo ou de um povo (MONTEIRO; CARELLI, 2007) vemos que, no contexto da cibercultura, os objetos tecnológicos assumem o papel de suporte para o registro das particularidades da nossa época, sem a qual a memória não é capaz de existir. Lévy (1996) afirma que a tecnologia molda não só a forma como interagimos com o mundo natural, mas o modo como apreendemos e pensamos sobre ele.

Compreendemos que o uso intensivo das tecnologias modifica e constrói os fluxos sociais (LÉVY, 1999b, p. 21). Destarte, que a presença do smartphone na vida cotidiana vem alterar as relações interpessoais, e em especial a relação do indivíduo com sua representação mnésica da realidade. O episódio *The Entire History of You*, assim como a série *Black Mirror*, tem como premissa básica as relações entre o ser humano e a tecnologia, fazendo uso do recurso da ficção para ir além do presente, buscando tecnologias ainda distantes da realidade atual, para metaforizar situações reais, que acontecem a todo instante no contexto da cibercultura.

Referências

ALBUQUERQUE, Alana; FONSECA, Tania. **Lembrança e esquecimento no cenário tecnológico atual:** uma breve análise da memória no seriado *Black Mirror*. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016.

GARCIA, Yuri; MALHADO, Rafael. **Construção da memória e subjetividade no telefone celular.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

GODOY, Karla Estelita. **Ciberespaço e memória.** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2002.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1999a.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999b.

_____. Pierre. **O que é virtual?.** São Paulo: Editora 34, 1996

MONTEIRO, Silvana; CARELLI, Ana; PICKLER, Maria. **A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento**. Revista de Ciência da Informação, Brasília, 2008

_____. **Ciberespaço, memória e esquecimento**. Salvador: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007.

MONTEIRO, Silvana; CARELLI, Ana; PICKLER, Maria Elisa. Representação e memória no ciberespaço. In: **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, Dec. 2006.

OLIVEIRA, José Claudio. **A memória social da era das novas tecnologias**. Rio de Janeiro: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2010.

LOPES, Ana Michelina; SANTOS, Márcio Adriano C. Dos; DUARTE, Maria Luiza Russo. **Preservação da Memória no Ciberespaço**. Belém: XIII Encontro Regional de Biblioteconomia e Documentação, 2010.

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.